



## À Defesa da Nação

Estas quadras são por bem  
São feitas, são dedicadas  
À defesa da Nação  
E aos ramos das Forças Armadas

A Guarda Republicana  
É uma corporação  
Presta serviço à Nação  
Mesmo vestida à paisana  
Com o cavalo amazona  
Nas estradas, no pinhal  
E nas quadras do Natal  
Também nas do Ano Novo  
fazem bem a todo o povo  
Estas quadras são por bem.

Ao serviço de Portugal  
Por também ser das primeiras  
Aeroportos e fronteiras  
Cabem à guarda Fiscal  
E a Guarda Florestal  
Essa defende as caçadas  
Algumas aves, coitadas  
Pobres delas que seria  
Com armas de pontaria  
São feitas, são dedicadas.

Marinha e Força Aérea  
São, pois, de considerar  
Tanto defendem no ar  
Como no mar e na terra  
Quando em tempos de guerra  
E o Exército em posição  
Fazem uma união  
E O Governo a seu lado  
Fica um bloco fechado  
Em defesa da Nação

Polícia Judiciária  
Também a de segurança  
Fazem uma alinça  
Muito extraordinária  
Os Bombeiros são p'rá área  
Do fogo e terras queimadas  
Nas horas amarguradas  
São dignos de registar  
Cada um no seu lugar  
Ramos das Forças Armadas



O POETA ARTESÃO  
**ANTÓNIO JOSÉ BELO**  
O POETA ARTESÃO

## **Homem de Sabedoria**

**Sou homem de sabedoria  
Entendo os direitos da lei  
Sem ser tropa fui capitão  
Vejam senhores ao que cheguei**

Sem enxada fui cavador  
Sem bater ferro fui ferreiro  
Sem mestre fui sapateiro  
Sem aprender fui pintor  
Sem redes fui pescador  
Nas praias da Trafaria  
Sem caneta escrevia  
Sem emprego fui empregado  
Já sei de tudo um bocado  
Sou homem de sabedoria

Sem mulheres vivo no fado  
Sem instrução fui militar  
Fui alfaiate sem talhar  
Sem namorar fui casado  
Sem padrinho fui baptizado  
Sem ser padre missa cantei  
Sem livros eu estudei  
Sem exames fui professor  
Sem saber ler fui doutor  
Entendo os direitos da lei

Sem navios fui navegante  
Sem comboios fui revisor  
Sem cantar fui cantador  
Sem vender fui negociante  
Sem fábricas fui fabricante  
Sem te ver te namorei  
Sem braços te abracei  
Fui carreiro sem saber  
Fui Ministro sem poder  
Vejam senhores ao que cheguei



O POETA ARTESÃO  
**ANTÓNIO JOSÉ BELO**  
O POETA ARTESÃO

## O que eu fui

Fui poeta e romancista  
Fui artesão, fui pintor  
Alguns tempos fui fadista  
Também fui trabalhador

Levei a vida a cantar  
Em festas e romarias,  
Passava noites e dias  
Às vezes sem descansar  
São tempos para recordar  
Enquanto um homem exista  
Não há recinto nem pista  
Que eu não dançasse o tango  
Fui bailador de fandango  
Fui poeta e romancista

Fui serrador de madeiras  
Trabalho duro e pesado  
Mas também cantava o fado  
Em festas arraiais e feiras  
Eu fazia brincadeiras  
E obras de grande valor  
Várias vezes fui autor  
Fiz desenhos e pinturas  
Fazia caricaturas  
Fui artesão, fui pintor.

Quando era rapazola  
São coisas para não esquecer  
Eu aprendi a escrever  
Sem nunca ter ido à Escola  
Fui tocador de viola  
Bandolim e guitarrista  
Na qualidade de artista  
Muitas coisas disse e fiz  
Mas sempre me senti feliz  
Nos tempos que fui fadista.

Enquanto Mundo for Mundo  
E saibamos dividir  
Dá para cantar e rir  
O tempo chega para tudo  
Fiz o trabalho mais rude  
Fiz histórias, fui historiador  
De folclore ensaiador  
Para pazes, fiz uma ermida  
Fiz tantas coisas na vida  
Também fui trabalhador



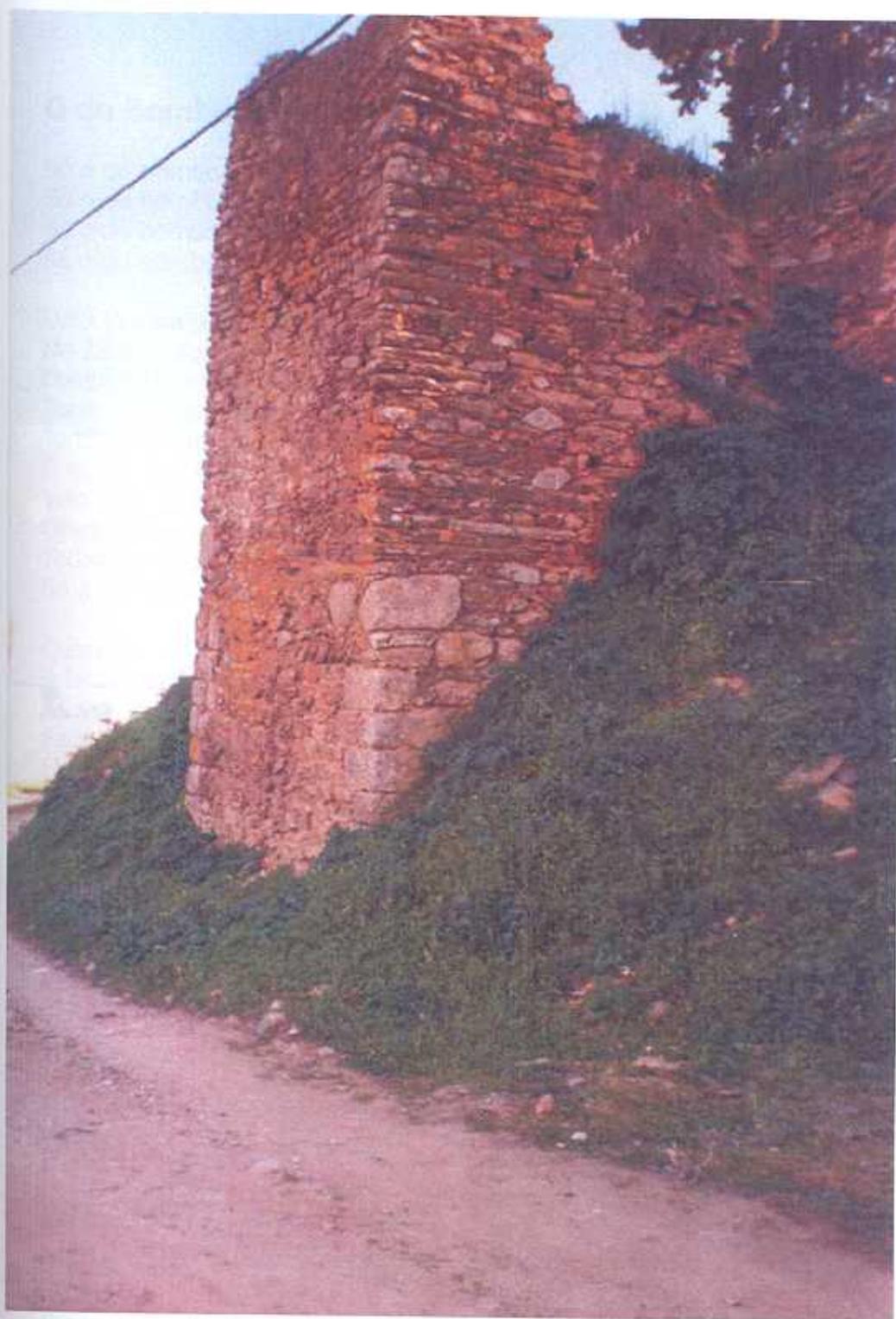
O POETA O POETA O POETA O POETA O POETA  
**ANTÓNIO JOSÉ BELO**  
O POETA ARTESÃO O POETA ARTESÃO



O POETA ARTESÃO  
**ANTÓNIO JOSÉ BELO**  
O POETA ARTESÃO



**ANTÓNIO JOSÉ BELO**  
O POETA ARTESÃO



O POETA O POETA ARTESÃO  
**ANTÓNIO JOSÉ BELO**  
O POETA ARTESÃO

## O do Bombo é que não

Só o do bombo é que não  
Só o do bombo é que não  
Só o do bombo é que não  
Só o do bombo é que não

Uma música regimental  
Do 22 de Infantaria  
Foram a uma freguesia  
Tocar a um arraial  
Também foram à capital  
Ó que linda povoação  
Veio o festeiro com um charão  
Oferecendo um bolicho  
Todos o bicho  
Só o do bombo é que não

Quando à cidade chegaram  
A família era assim  
As moças a mim a mim  
Para os músicos tocaram  
Eles logo lhes perguntaram  
Se era mais do que um tostão  
Elas disseram que não  
Ainda acima lhe agradeceram  
Por fim todos comeram  
Só o do bombo é que não

À entrega dos papéis  
Já nenhum era feliz  
Alguns traziam verniz  
Até nas unhas dos pés  
Os músicos já eram dez  
Com certa conversação  
Sentiam uma impressão  
Ia tudo incomodado  
Até o mestre levava gado  
Só o do bombo é que não

Quando chegaram ao quartel  
O do bombo deixou-se rir  
De os ver andar a fugir  
Dando voltas ao farnel  
Assinado pelo Coronel  
Dirigidos ao cirurgião  
Foram fazer operação  
Ao quartel general  
Foram todos para o hospital  
Só o do bombo é que não.





O POETA ARTESÃO  
**ANTÓNIO JOSÉ BELO**  
O POETA ARTESÃO



O POETA ARTESÃO  
**ANTÓNIO JOSÉ BELO**  
O POETA ARTESÃO

## Nisa, vila alentejana

Nisa, Vila Alentejana  
O teu povo é de louvar.  
Quem lá passa não se engana  
Com desejos de voltar.

Com as tuas freguesias  
É formado um império  
Só lhe falta o Ministério  
Para leis todos os dias  
Tens as tuas Companhias  
Da Guarda Republicana  
Quando na sua caravana  
Saúdam seja quam for  
Todos dizem com amor  
Nisa, Vila Alentejana.

Concelho de segunda ordem  
De terceira é fiscal,  
A Comarca é igual...  
Isto se bem se recordam.  
De manhã todos acordam  
Para a vida enfrentar  
Esta alegria sem par  
Que a gente de Nisa tem  
Dizem todos, quem cá vem  
O teu povo é de louvar.

Teus campos são um jardim  
Quando a giesta tem flor  
Vai p'ró rio o pescador...  
A vida lá é assim  
Tua beleza sem fim...  
Tens atletas e gincanas  
Nisa, vila arraiana,  
Assim se lhe pode chamar  
Situada num lugar  
Quem lá passa não se engana.

Do cimo da fortaleza  
Se avista o teu hospital  
A Câmara Municipal  
E o Asilo, concerteza  
Esta vila portuguesa  
Pérola de quem te olhar  
Os teus lábios de encantar  
Dão um beijo a quem passa  
Enchem a todos de graça  
Com desejos de voltar.



O POETA O POETA ARTESÃO  
**ANTÓNIO JOSÉ BELO**  
O POETA ARTESÃO ARTESÃO



O POETA O POETA ARTESÃO  
**ANTÓNIO JOSÉ BELO**  
O POETA ARTESÃO ARTESÃO



O POETA ARTESÃO  
**ANTÓNIO JOSÉ BELO**  
O POETA ARTESÃO

## O meu fato

Já tenho fato p'rá festa  
Tenho outro p'rá semana  
Eu tenho um fato de banho  
E ainda o fato da cama

Tenho umas meias sem canos  
Sapatos sem calcanhar  
Para quando me vou deitar  
Um chinelas sem pano  
Um calças por engano  
Já sem estopa nem aresta  
É tudo o que me resta  
Para brincar ao Carnaval  
Para a Páscoa e Natal  
Já tenho fato p'rá festa

A camisa de flanela  
Foi-me oferecida p'rá tropa  
Eu tenho um par de botas  
Uma é preta outra amarela  
Tenho um cinto sem fivela  
Que faço muito empenho  
Tanto fato que eu tenho  
Nenhum por mim foi provado  
Todo roto e esburacado  
Eu tenho um fato de banho

Um chapéu de copa alta  
Com a fita cor-de-rosa  
Que eu apanhei na lixosa  
Por me fazer muita falata  
Um plover que ressalta  
Com rosas à Mexicana  
Eu tenho uma canadiana  
Com pouco pêlo na gola  
Um fato p'rá jogar à bola  
Tenho outro p'rá semana

Tenho casacos usados  
E tenho um bom blusão  
Eu tenho lenços de mão  
Alguns já aproveitados  
Capotes apresentados  
Tenho dois e um pijama  
Tenho gravatas de fama  
Tenho um fato que mederam  
E outro que não quiseram  
E ainda o fato da cama.



## De Espada na Mão

De espada sempre na mão  
Passo alegre a vida minha  
Em vendo sopeiras boas  
Meto a espada na bainha

Quando o povo quiser castanha  
E os superiores me dão ordem  
Até macacos me mordem  
Para armar qualquer campanha  
O pagode é que apanha  
Que vai até de rebolão  
É um enorme paulão  
Que alguém ousa afiançar  
Mas que eu nunca deixe de andar  
De espada sempre na mão

Sempre que estou de ordenanças  
De luvas brancas e calção  
Com a minha espada então  
Faço mais de mil mudanças  
Faço as minhas alianças  
Com a minha espada branquinha  
É comprida e lisinha  
Mato com ela os desejos  
E com ela faço manejos  
Passo a alegre a vida minha

Se estou na formatura  
E às vezes não posso olhar  
Vejo a sopeira  
Passar  
Ou ela se me afigura  
De espada à cintura  
Passeio toda a Lisboa  
Bairro Alto e Madragoa  
São dois bairros divertidos  
Não me importo de castigos  
Em vendo sopeiras boas

Em tal caso mudo o caso  
A minha comprida espada  
É doce como a marmelada  
E não dá tempo de prazo  
Em promessas não me atraso  
Arrisco-me a qualquer festinha  
Em vendo uma sopeirinha  
Até me tenta o diacho  
Mas em vez de dar p'ra baixo  
Meto a espada na bainha



O POETA ARTESÃO  
**ANTÓNIO JOSÉ BELO**  
O POETA ARTESÃO

### **Rimas (antigas) de Montalvão**

Ó que varanda tão alta  
Rodeada de tijelas  
Quem anda cego de amores  
P'ra que bebe tanto caldo?

No cimo daquele cabeça  
Tem o meu pai uma eira  
Deu-lhe o vento de Lisboa  
Cobriu-se o mar de palhas

Ferros velhos, ferros novos  
Todos vão p'ra ferraria  
Estas meninas de agora  
São a peste para os ratos

Naquela casa se fez  
A festa do meu casamento  
Já muito anos se passaram  
Ainda hoje cheira a arroz-doce.



O POETA ARTESÃO  
**ANTÓNIO JOSÉ BELO**  
O POETA ARTESÃO



O POETA ARTESÃO  
**ANTÓNIO JOSÉ BELO**  
O POETA ARTESÃO





O POETA ARTESÃO  
**ANTÓNIO JOSÉ BELO**  
O POETA ARTESÃO

## O botão de rosa

Que lindo botão de rosa  
Aquela roseira tem  
De baixo não se lhe chega  
Acima não vai ninguém

No muro de uma vivenda  
Está uma jovem sentada  
Prazenteira e descuidada  
Comendo a sua merenda  
Usava saias de renda  
A rapariga formosa  
Mas era tão graciosa  
E por baixo o namorado  
Dizia entusiasmado:  
Que lindo botão de rosa!

A jovem não reparava  
Na testemunha indiscreta  
Olhando o prado quieta  
Com gosto a broa trincava  
Mas o rapaz que olhava  
E analisava também  
Os encantos do seu bem  
E murmurava baixinho:  
Olha que tanto espinho  
Aquela roseira tem!

Por fim a mocinha linda  
O rapaz intruso viu  
Mas disfarçou e fingiu  
Não o ter topado ainda  
A merenda estava linda  
Mas ela não se conchega  
Entre a posição de pega  
Ele diz todo airoso:  
Aquele botão formoso  
De baixo não se lhe chega!

Ela ouviu isto e com ronha  
Sorrindo pouco se ensaia  
Ainda mais ergueu a saia  
Fingindo não ter vergonha  
Numa enrascação medonha  
O rapaz cora, porém  
Ela o riso não sustém  
E olhou para baixo trocista:  
Goza meu amor com a vista  
Mas acima não vai ninguém!



O POETA ARTESÃO  
**ANTÓNIO JOSÉ BELO**  
O POETA ARTESÃO



O POETA O POETA ARTESÃO  
**ANTÓNIO JOSÉ BELO**  
O POETA ARTESÃO ARTESÃO

**Quadras de outros tempos que se cantavam  
de improviso em Montalvão (despiques e desfolhadas)**

Os olhos daquela aquela  
Os olhos daquela ali  
Ou tu lhe tens amizade  
Ou ela te a tem a ti

O padre quando namora  
Namora com a mão na coroa  
Namora padre, namora  
Porque Deus tudo perdoa

Minha mãe quando me bate  
Bate com os pés no sobrado  
Era melhor que me desse  
Fatias de pão torrado

Linda vila é a do Pego  
No Pego é que eu vivi  
Tão longe é daqui ao Pego  
Como é do Pego aqui.

Laramjeira do pé d'oiro  
Deita raminhos de prata  
Menina dá os teus olhos  
A quem por eles se mata

A Guarda Republicana  
Goza mais que o lavrador  
De Inverno não vai à chuva  
De Verão não vai ao calor

Fui passear ao Inferno  
O que lá vi achei graça  
Só lá vi velhas sem dentes  
E seres de outra raça

Um gateiro foi à missa  
Mas não sabia rezar  
Andava de santo em santo  
"Quem tem loiça p'r amanhar?"

Eu sou soldadinho novo  
Em Vila Nova de Gaia  
Tenho a minha praça assente  
Na barra da tua saia

Estando o noivo mais a noiva  
Sentados no cadeirão  
Diz a noiva para o noivo  
Já cá tenho um ganha-pão.

És clara como o leite  
Trigueira como atum  
És como o arroz sem sal  
Que não tem gosto nenhum

Esta noite sonhei eu  
A outra sonhado tinha  
Que estava na tua cama  
Acordei estava na minha

O vinho é coisa santa  
Que nasce da cepa torta  
A alguns faz perder o tino  
A outros errar a porta.

Venho de Penamacor  
Vou para pena Garcia  
Eu ando de pena em pena  
Por tua causa Maria

Menina das sete saias  
Todas sete de veludo  
mas no fim das sete saias  
Está um bicho... ponto e vírgula

À minha porta faz lama  
À tua um lamaceiro  
Quando falares em mim  
Olha para ti primeiro

O moleiro mais a moleira  
Foram ambos ao moinho  
Armaram-se de razões  
Voltaram-se do caminho

Não me atires com pedrinhas  
Que eu estou a lavar a louça  
Atira-me com beijinhos  
Com que a minha mãe não ouça



O POETA ARTESÃO  
**ANTÓNIO JOSÉ BELO**  
O POETA ARTESÃO

## Modos de falar na região

### Mulheres e molhos em Nisa

"Em Nisa, algumas pessoas eram muito agarradas à pronúncia da sua terra empregando muitas vezes o "é" em troca com o "a" e, assim, em vez de relaxado diziam "relaxédo", "molhédo" em vez de molhado e "seéra" em vez de seara.

Em tempos, hospedou-se numa pensão desta vila, um senhor que não estava familiarizado com a pronúncia da terra. Durante o jantar, a criada de mesa, uma rapariga com os seus 19 anos de idade, muito prática e desembaraçada noseu trabalho, serviu em dada altura o segundo prato e retirou-se imediatamente.

Mas, ao sair da sala, lembrou-se que mais alguma coisa era preciso para o hóspede e, de repente voltou atrás e diz para o cavalheiro: " O senhor gosta de molhé?"

O hóspede olhou para a rapariga, num olhar fixo, e não disse nada; a rapariga, com a sua beleza a ressaltar à superfície do rosto, insistiu: "vá, diga lá se gosta de molhé". O cavalheiro poisou o garfo e disse-lhe com palavras meigas, "pois gosto, então não havia de gostar de mulher, menina". A rapariga pôs-lhe, então, mais uma concha de molho no prato e foi-se embora. Por causa daquela confusão de palavras, o hóspede já lhe não assentou bem o jantar e teve que tomar um comprimido para dormir. E tudo porque a criada em vez de dizer "molhar" ( relativo a molho), disse "molhé" ( que se confunde, na pronúncia, com mulher. Em Nisa, também se confunde muito o termo "isto" com a palavra "isso". Esta confusão é extensiva até às pessoas mais cultas.



O POETA ARTESÃO  
**ANTÓNIO JOSÉ BELO**  
O POETA ARTESÃO

**Quadras de outros tempos que se cantavam  
de improviso em Montalvão (despiques e desfolhadas)**

Abalei da minha terra  
Olhei para trás chorando  
Adeus terra da minha alma  
Tão longe me estás ficando

Acipreste não se rega  
Tem a água na raiz  
Não digas que me deixaste  
Fui eu que não te quis

Anda cá para os meus braços  
Se tu, vida, queres ter  
Que os meus braços dão saúde  
A quem está para morrer

Anda cá ventinho Norte  
A espalhar o que está junto  
Estas meninas de agora  
Têm pouco querem muito

Anda lá para diante  
Não te pares no caminho  
Quem vai para amar amores  
Não vai tão devagarinho

A água corre ao abaixo  
Para cima não faz corrente  
Meu amor se está zangado  
Eu também não estou contente

A água que vem da serra  
Pelos canos vem à cidade  
O amor fora da terra  
É dobrada a saudade

Aguardente e vinho tinto  
Aguardente é minha jóia  
O vinho me dá calor  
Quando ando na rambóia

Ai de mim que estou nas malvas  
A cair para as urtigas  
Já perdi o Norte à terra  
E amor às raparigas

Ainda que tu me deixes  
Não te perco a afeição  
Porque podes enviivar  
E vires para a minha mão

O alecrim da ribeira  
Quando reverdece, chora  
Muita falta tem de amor  
Quem dum primo se namora

O Alentejo não tem sombra  
Senão a que vem do céu  
Encosta-te aqui amor  
À sombra do meu chapéu

Algum dia para te ver  
Morria para te falar  
Agora nem ver-te posso  
Nem ouvir-te nomear

Algum dia para te ver  
Saltava trinta quintais  
Agora para te não ver  
Já salto trinta ou mais

O amor, como o dinheiro  
Não pode andar encoberto  
O dinheiro é chocalheiro  
E o amor desinquieta

Os amores da azeitona  
São como o milho miúdo  
Quando se acaba a azeitona  
Lá vão amores lá vai tudo

Amores que se não vêm  
Senão de meses a meses  
Ainda se lhe quer mais bem  
Por se verem menos vezes

Ó Ana três vezes Ana  
Maria só uma vez  
Vale mais uma vez Maria  
Do que Ana todas três



O POETA ARTESÃO  
**ANTÓNIO JOSÉ BELO**  
O POETA ARTESÃO

**Quadras de outros tempos que se cantavam  
de improviso em Montalvão (despiques e desfolhadas)**

António bonito nome  
Quem foi a tua madrinha?  
Quem foi a dita pessoa  
Que tanto amor te tinha?

António é nome santo  
Santo é nosso Senhor  
Se o António fora Santo  
Tinha um santo amor

António eras um cravo  
Quando eras pequenino  
Agoras estás desmaiado  
Como a flor do rosmaninho

Os Antónios todos são  
Teimosos a namorar  
Eu sou menina teimosa  
Com o António hei-de casar

Assenta-te aqui amor  
Na pedra da lealdade  
Tua mãe diz mal de mim  
Maue amor fala Verdade

Assenta-te aqui cunhada  
Eu numa pedra e tu noutra  
Aqui choraremos ambos  
A nossa ventura é pouca

Atirei um tiro ao jáfo  
Não sei como o não matei  
Toda a gente se admira  
Das voltas que o jáfo deu

Azeitona já está preta  
Já se pode armar aos tordos  
Não sei quem pode deixar  
Amores velhos para novos

Azinheira ramalhuda  
Já o brio te corta a rama  
Tu que és o meu amor  
Já te não livras da fama

O baile anda bonito  
Mas para mim já não tem graça  
Falta cá o meu amor  
O meu raminho de salsa

Cantando ando regando  
O pe a todas as flores  
Ai de mim que ando amando  
A quem tem outros amores

O cantar à meia-noite  
É um cantarexcelente  
Acorda quem está dormindo  
E alegre quem está doente

Cantigas são variedades  
São vozes leva-as o vento  
Quem toma amor por cantigas  
Tem fraco entendimento.

Chamaste ao meu pai coxo  
À minha mãe corcovada  
Retira-te do caminho  
Deixa passar a jangada

Ó chapéu cor de canela  
Olha que te leva o vento  
Por causa desse chapéu  
Namorei antes do tempo

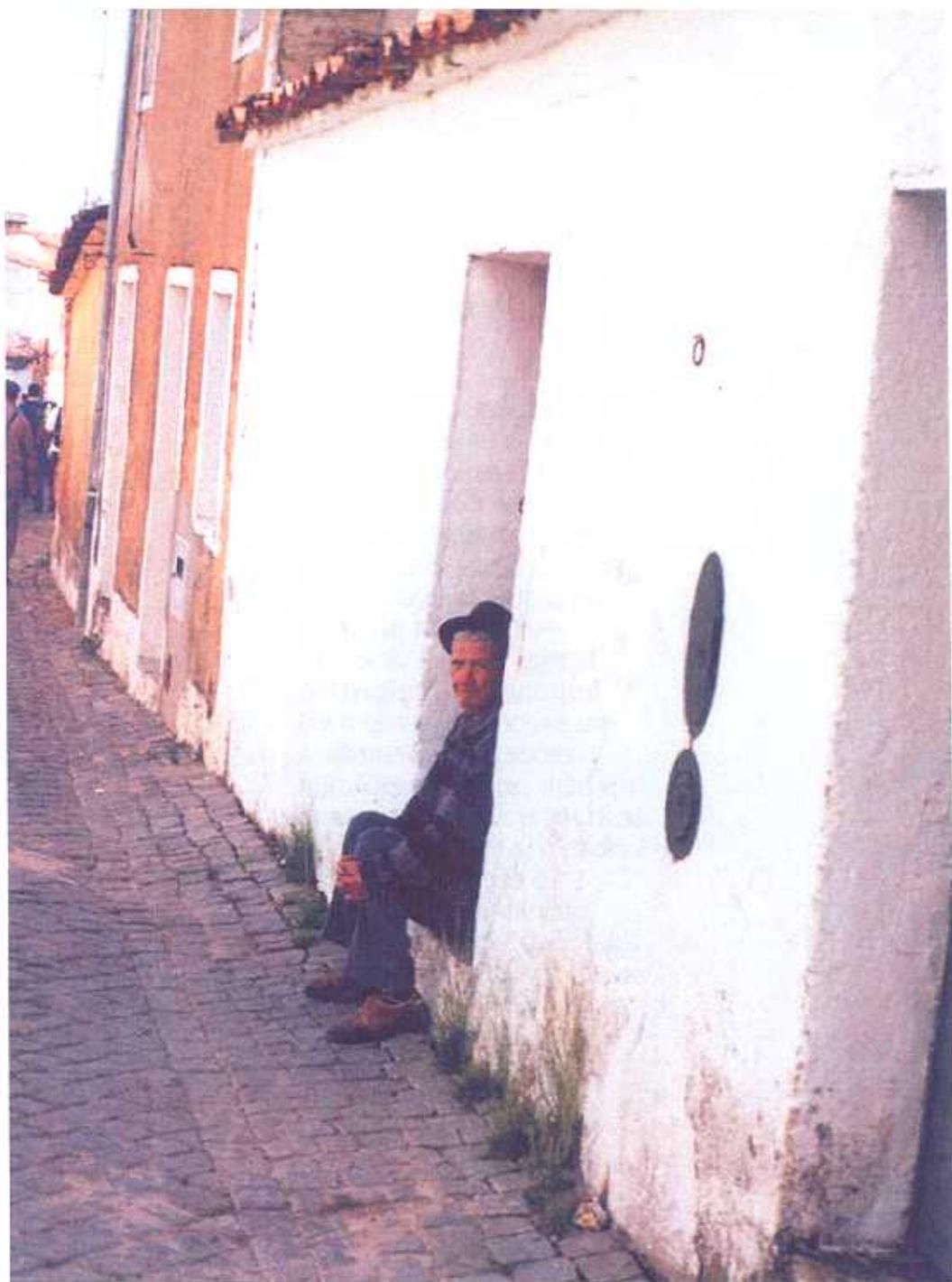
O chapéu do meu amor  
Tem uma queda bonita  
Quer dum lado qiuer do outro  
Sempre do meu jeito fica

Chora a casada de penas  
E a viúva por não ter  
A solteira sempre diz  
Não acredito sem ver

Chove água miudinha  
Não sei de onde ela vem  
Não sei se é dos teus olhos  
Se é dos de mais alguém.



O POETA  
**ANTÓNIO JOSÉ BELO**  
O POETA ARTESÃO ARTESÃO



O POETA ARTESÃO  
**ANTÓNIO JOSÉ BELO**  
O POETA ARTESÃO

## Modos de falar na região

### **...E sobre o de Alpalhão**

Em Alpalhão, uma freguesia que pertence ao concelho de Nisa, as palavras a acabar em "sa", pronunciavam-se como se terminassem em "sim" e, deste modo, podia ouvir-se este diálogo em Alpalhão: -

**Hoje há missim? --**

**Cudocá. -- É na igreja  
Matrigim? -- Cudoqué.**

Na mesma vila houve um casamento de pessoas humildes e pobres, mas em que os padrinhos eram ricos. Após o casamento, o padrinho chamou o afilhado e perguntou-lhe: Afilhado, tenho para te dar de fogaça um pouco de trigo ou pouco de gado, agora tu escolhes. O afilhado respondeu que **"antes queria trigo cagado"**.



O POETA ARTESÃO  
**ANTÓNIO JOSÉ BELO**  
O POETA ARTESÃO

## Modos de falar na região

### Falar do Pé da Serra

Pé da Serra é uma freguesia que fica situada num local onde não se vê nascer nem pôr o sol, com uma encosta a Nascente e a serra de São Miguel pelo Poente. Aqui também se trocava o "ão" pelo "im". Em vez de tão grande, dizia-se **"tim grande"**; tão lindo dizia-se "tim lindo". Os habitantes vivem e fazem a sua vida normal vendo apenas o Sol durante três quartos do dia e pouco mais. Então um dia, dois compadres e amigos tiveram necessidade de ir a Montalvão, que fica situado num alto, a cerca de 9 Km, por atalhos, que naquele tempo não havia estradas, e ficaram muito admirados ao ver já em Espanha a Serra de São Tiago, que fica a cerca de 35 Km de distância, dizendo um para o outro: **"Ai mãe...**

**Então o mundo é tim grande!**

Olha lá já da onde a gente vem e ainda o que para além se avista". Anos depois a gente desta freguesia elevou-se no campo da ciência e de toda a vida cultural.

### Curiosidade sobre o falar da Póvoa...

Póvoa e Meadas é uma freguesia que pertence ao concelho de Castelo de Vide. Está a 12 Km de distância desta localidade e a 10 Km de Montalvão que pertence ao concelho de Nisa. Aqui, em Póvoa e Meadas viviam duas irmãs, uma com 17 e a outra com 7 anos de idade, respectivamente. A mais velha disse para a mais nova. "A gente não pede e não aceita tudo o que nos dão para não fazer figura de malcriada". Não demorou muito a chegar uma senhora que ofereceu uma laranja à menina de 7 anos e, para que a irmã lhe não ralhasse, a pequena foi-lhe perguntar, dizendo: **"Oh mana Marisei dão-me uma laranja, tu quesca cête?"**.

Estes os costumes em Póvoa e Meadas.



O POETA O POETA O POETA O POETA O POETA  
**ANTÓNIO JOSÉ BELO**  
O POETA O POETA O POETA O POETA O POETA

**Quadras de outros tempos que se cantavam  
de improviso em Montalvão (despiques e desfolhadas)**

Choveu água miudinha  
Por cima do arvoredado  
Oh que linda mocidade  
Quem o soubera mais cedo!

O comboio de Vila Velha  
O maquinista chorava  
Acabou-se-lhe o carvão  
O comboio já não andava

Coração não andes triste  
Anda alegre se puderes  
Ainda te há-de vir à mão  
O coração que tu queres

O craveiro da minha sogra  
Só dois cravos é que deu  
Toda a gente tem inveja  
Do mais lindo ser o meu

Cravo roxo à janela  
É sinal de casamento  
Menina recolhe o cravo  
Que o casar ainda tem tempo.

No cume daquela serra  
Nasceu lá uma roseira  
Quanto mais as rosas abrem  
Mais tudo no cume cheira

Dá-me vontade de rir  
A graça que Deus te deu  
Ou tu queiras ou não queiras  
Tudo quanto tens é meu

Deitei-me a dormir um sono  
Ao pé da água que corre  
Uma voz ouvi dizer  
Quem tem amores mão dorme

Dizem que o verde é galo  
E o encarnado também  
És a cara mais bonita  
Que o mundo para mim tem

És clara como o leite  
Corada como a romã  
Palavras tantas tu queiras  
Mas casar contigo não.

À porta do meu amor  
Não se pode namorar  
De dia velhas ao sol  
De noite cães a ladrar

Por cima se ceifa o trigo  
Por baixo fica o restolho  
Ó menina não te fies  
No rapaz que pisca o olho

Passei pela tua porta  
Pus a mão na fechadura  
Veio de lá o teu pai  
- Ah ladrão que te capo!

Quando fui tirar sortes  
Pus o pé na tabuinha  
Logo o meu coração disse  
Número um. Vai prá Marinha

Quatrocentos alfaiates  
Todos postos em campanha  
Com agulhas e tesouras  
Para matar uma aranha

Quem me dera em Malpica  
À porta de uma taberna  
Para ver as Malpiqueiras  
Com a saia à meia perna

Trigo louro, trigo louro  
Trigo da cana amarela  
À sombra do trigo louro  
Namorei uma donzela

O tocador de harmónio  
Precisa de uma gravata  
Hei-de-lha fazer bem fina  
Do rabo da nossa gata



### ***O Avião de Carreira***

Montalvão tem o formato  
De um avião de carreira  
No castelo vai o piloto  
Quase a chegar à fronteira

Com as suas asas bem formadas  
Das Almas ao S. João  
A Corredoura é a cauda  
O Outeiro o coração

Bernardino e Santo André  
São as bóias de apoiar  
Porque este avião é  
Dos que poisam no mar

Este conjunto de ruas  
Faz esta transformação  
Ruas Direitas e do Cabo  
O cimo do avião

Quem conhecer Montalvão  
Verá que isto é verdade  
A forma de um avião  
Mesmo quando está parado



O POETA ARTESÃO  
**ANTÓNIO JOSÉ BELO**  
O POETA ARTESÃO



O POETA ARTESÃO  
**ANTÔNIO JOSÉ BELO**  
O POETA ARTESÃO

## **António José Belo** **Memória que o tempo não apaga**

Foi um homem multifacetado, o ti António José Belo. Natural de Montalvão, morreu em Nisa, ( " Nisa, terra alentejana / O teu povo é de louvar / Quem lá passa não se engana / Com desejos de voltar" ) com 90 anos, no dia 25 de Junho de 2002.

António José Belo, foi um homem de intervenção, dedicado a uma causa, a da cultura popular, em favor da sua terra, do seu "tchon", que ele cantou e divulgou de modo admirável, num tempo em que os apoios, aos mais diversos níveis, eram irrisórios, e em que a força do querer, a "carolice" e o amor ao chão pátrio, removiam montanhas, transformando os sonhos em realidade.

**António José Belo**, foi, inquestionavelmente, um homem de sonhos e de horizontes vastos, que não se confinavam ao seu "avião de carreira" ( desenho com o qual identificou as formas de Montalvão) . Voava e viajava, vezes sem conta, em viagens quase permanentes, através da poesia ( as populares quadras e décimas), das figuras que esculpia num pedaço de madeira, a que dava formas bizarras ou de que aproveitava os contornos, mantendo a simbologia bruta e original, extraída da terra. Artesão, músico, apresentador de espectáculos, construtor de cenários e de peças de teatro, animador cultural, etnógrafo, nada do que se relacionasse com o seu "Montalvão querido" lhe passava à margem. O movimento associativo do Monte Alvão e das terras vizinhas muito lhe ficou devendo e a história cultural daquele rincão raiano foi, durante a maior parte do século passado, escrita pelo punho e pelas iniciativas que tinham a "marca" de António José Belo. Este artista popular, escreveu um livro, terá plantado árvores sem conto, foi carvoeiro, alfaiate, alimentou durante muitos anos na sua terra, a chama da cultura. Promoveu, com reduzidos meios, mas com uma dinâmica extraordinária, formas de participação colectiva dos seus conterrâneos, fossem elas feitas através da música, do teatro, do rancho folclórico, dos saraus artísticos. Aliava, à sua propensão para as artes, uma jovialidade e frescura de espírito, que manteve até final da sua vida. Algumas das décimas, como as que a seguir, reproduzimos, revelam, essa fina particularidade do seu carácter, que tinham apenas, como finalidade, provocar o humor saudável e a boa disposição. As poesias brejeiras, as curiosidades e as histórias com sotaque regional, que deixou no seu livro, ajudam a compreender o homem e a época, e são um contributo inestimável quando se procurar concretizar a ideia de uma monografia de Montalvão. Morreu o homem, o artista popular. Para que outros possam seguir o exemplo, fica o registo de uma vida e de uma memória que não se apaga.



O POETA ARTESÃO  
**ANTÓNIO JOSÉ BELO**  
O POETA ARTESÃO



O POETA ARTESÃO  
**ANTÔNIO JOSÉ BELA**  
O POETA ARTESÃO



O POETA ARTESÃO  
**ANTÓNIO JOSÉ BELO**  
O POETA ARTESÃO